

MBARTE

Newsletter da MBlois Galeria de Arte

Nesta Edição

MESTRE DO SÉCULO
XIX

VIDA ANIMAL NA
ARTE

A ARTE DE SER
DIFERENTE

MBlois
Galeria de Arte

t. 21 9 9138-3522

f. 21 3439-5009

e. mbgaleriadearte@gmail.com

e. Rua Visconde de Pirajá, Galeria 111 -

Loja E - Ipanema - Rio de Janeiro, RJ

<http://www.mbloisgaleriadearte.com.br/>

Edição: Camila Teixeira

Conteúdo: Camila Teixeira

Marlene Blois

Supervisão: Marlene Blois

MESTRE DO SÉCULO XIX

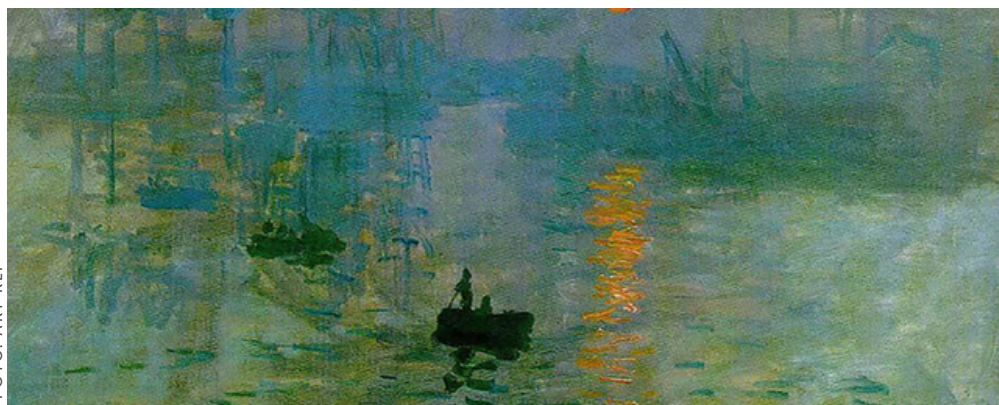


FOTO: ART REF

Em 2026, o mundo da arte marca os 100 anos da morte de Claude Monet, um dos nomes centrais da pintura moderna e figura fundamental para o desenvolvimento do Impressionismo. Mais do que um integrante do movimento, Monet acabou assumindo uma espécie de papel de liderança entre aqueles jovens artistas que, na segunda metade do século XIX, desejavam romper com as regras acadêmicas e pintar a vida como ela realmente se apresentava aos olhos.

Sua revolução, porém, não estava apenas nos temas. Monet transformou a própria maneira de construir uma pintura. Em vez de contornos precisos e áreas uniformes de cor, passou a trabalhar com pinceladas rápidas, fragmentadas e justapostas, interessando-se pelos efeitos passageiros da luz, da atmosfera e da hora do dia. Para ele, uma mesma paisagem podia se tornar outra obra dependendo do momento em que fosse observada.

Essa obsessão levou Monet a produzir algumas de suas séries mais conhecidas. A Catedral de Rouen, por exemplo, foi pintada repetidamente em diferentes condições de luz, o mesmo aconteceu com os Montes de Feno, as Alamos e as Ninfeias. O artista chegou a organizar seu cotidiano em função da pintura. Em Giverny, criou e modificou cuidadosamente o jardim de sua propriedade, construindo o famoso lago das ninfeias e a ponte japonesa que se tornariam protagonistas de suas telas. Em determinado momento, o artista começou a criar o próprio cenário que desejava pintar.

No fim da vida, suas Ninfeias tornam-se cada vez mais livres da representação tradicional. A água, as flores, o céu e seus reflexos começam a se misturar, fazendo com que a pintura se aproximasse da abstração.

Em seus últimos anos, enfrentou a perda progressiva da visão, mas não abandonou a pintura. Ao contrário, suas obras tornaram-se cada vez mais livres, imprecisas e próximas da abstração. Mesmo diante do envelhecimento, continuou a pintar, como se ainda houvesse algo a descobrir através da tela. Talvez seja justamente aí que esteja sua eternidade, Monet morreu, mas seu olhar continuou se transformando até o último instante.

VIDA ANIMAL NA ARTE

FOTO: SPOOCKY SCOTLAND



A arte nasceu inspirada no ambiente em que vivemos. As cores trazem vida ao cotidiano, seja na natureza, nos animais ou nos objetos, uma tradução da vida e da realidade à sua forma por cada artista.

A vida animal evoluiu junto com a humana. Logo, nada mais lógico que fossem representados pelos artistas, como parte desse dia a dia. Desde os primeiros registros artísticos, as pinturas rupestres já representavam animais, seja pela relação com a alimentação, por fins religiosos, interpretações da natureza ou uma mescla de símbolos.

Na Idade Média, a representação animal se consolidou através das nuances religiosas. O leão, por exemplo, é símbolo de força, coragem e realeza e, no cristianismo medieval, também aparece associado à figura de Cristo. O cavalo, por sua vez, esteve muito presente na arte medieval, especialmente em cenas de guerras, caça e ao lado de governantes, simbolizando poder, força e liberdade. Essa presença atravessa os séculos e chega à arte contemporânea, como em *The Kelpies*, de Andy Scott, na Escócia, duas esculturas monumentais de cerca de 30 metros de altura inspiradas nos cavalos Clydesdale.

A representação dos animais também atravessa diferentes culturas. Na China, o cavalo foi um dos grandes temas da pintura, como em *Night-Shining White*, de Han Gan (c. 706-783), e *Grooms and Horses*, de Zhao Mengfu (1254-1322). A criatividade humana trabalha com as representações animais de diversas formas, da pintura à arquitetura, como na Muralha dos Nove Dragões, em Pequim, onde o animal mitológico representa autoridade e como o dragão de São Jorge, que representa o mal.



FOTO: LIVIA DOBLAS

FOTO: GALERIA DE ARTE VISUAL



No Brasil, a arte indígena desenvolveu sua própria representação filosófico-cultural com os animais presentes em seus territórios, por meio de entalhes estilizados, pinturas corporais, cerâmicas e arte plumária, representando a mitologia e a cosmologia de diferentes povos. Representações como a onça e a jiboia, além dos pássaros e do uso de penas em objetos, materiais do dia a dia e vestimentas, aparecem em diferentes tradições e carregam significados que ultrapassam a decoração.

Há também outras interpretações muito particulares na arte, como Angelo de Aquino (1945-2007), ao criar o personagem Rex, cachorrinho que integrou grande parte das obras de seu acervo e ajuda a tecer a narrativa de seus trabalhos.

Ou o cearense Aldemir Martins construiu parte importante de sua produção a partir de gatos e aves, especialmente galos, representados com linhas marcantes e cores vibrantes. Seus animais se tornaram uma das características mais reconhecíveis de sua linguagem artística.

Gustavo Rosa (1946-2013), por outro lado, trouxe uma linguagem mais lúdica, colorida e bem-humorada. Gatos, cães e pássaros aparecem em situações cotidianas e formas simplificadas e geometrizadas. A representação dos bichos se mistura ao humor e à simplicidade que marcam a produção do artista.

Já na obra de Tarsila do Amaral (1886-1973), os animais também fazem parte da construção do imaginário do modernismo brasileiro. A cobra aparece em *Urutu* (1928), enquanto o boi está presente em *O Touro*, e outros animais aparecem em obras como *O Sapo* e *A Cuca*. Em sua produção, Tarsila transforma elementos da fauna brasileira em formas estilizadas e imaginárias.

Dos primeiros registros rupestres às esculturas monumentais, das pinturas milenares à fauna reinventada por Tarsila do Amaral, a fauna originária continuam presentes na produção artística. Seus significados e formas mudam conforme cada cultura e período, mas permanecem como uma das maneiras mais interessantes de aproximar a arte da natureza, da vida cotidiana e da própria experiência humana.

A TRAJETÓRIA DE UMA LENDA



Poucos artistas conseguiram transformar uma experiência tão íntima em uma linguagem visual reconhecida no mundo inteiro quanto Yayoi Kusama. Nascida em 1929, em Matsumoto, no Japão, começou a desenhar ainda criança, quando passou a ter visões e alucinações. Flores, pontos e redes pareciam se multiplicar diante de seus olhos, ocupando todo o seu campo de visão. Em vez de esconder essas experiências, ela encontrou na arte uma maneira de enfrentá-las, e, pouco a pouco, transformou essas imagens em uma das estéticas mais marcantes da arte contemporânea. Sua formação começou no Japão, onde estudou a pintura tradicional japonesa, o nihonga, em Kyoto.

A linguagem acadêmica, porém, não era suficiente para o que Kusama queria expressar. Influenciada pelo modernismo ocidental e pelo expressionismo abstrato, começou a desenvolver pinturas cada vez maiores e mais repetitivas. Em 1957, decidiu deixar o Japão e partir para os Estados Unidos. No ano seguinte, estabelecida em Nova York, iniciou uma fase decisiva de sua carreira.

Foi ali que surgiram as célebres Infinity Nets, grandes telas cobertas por milhares de pequenas marcas repetidas, como se uma mesma forma pudesse continuar indefinidamente. Depois vieram as esculturas, instalações, performances e os primeiros ambientes com espelhos e luzes. Kusama chamava sua ideia de "autoaniquilação" (self-obliteration), a repetição de pontos, redes e formas faria com que o indivíduo deixasse de ser percebido como algo isolado e passasse a fazer parte de um universo infinito.



Na Nova York dos anos 1960, Kusama se tornou uma figura importante da vanguarda. Suas obras dialogavam com nomes como Andy Warhol e Claes Oldenburg, mas sua produção seguia um caminho próprio. Ela organizou happenings, performances e manifestações contra a guerra, além de explorar a moda, o cinema e a escultura. Ao mesmo tempo em que ganhava atenção no circuito artístico, sua obra começava a romper as fronteiras entre pintura, instalação e experiência.

A trajetória de Kusama, no entanto, não foi linear. Em 1977, ela passou a viver voluntariamente em uma instituição psiquiátrica em Tóquio, continuando a trabalhar diariamente em seu ateliê. Sua estética também ultrapassou o universo dos museus. As bolinhas, abóboras, espelhos e padrões infinitos passaram a ocupar vitrines, objetos e coleções de grandes marcas. Entre suas colaborações mais conhecidas está a parceria com a Louis Vuitton, que aproximou ainda mais sua obra do universo da moda e da cultura popular. Grandes retrospectivas, entre elas a realizada pelo Whitney Museum of American Art, em Nova York, em 2012, ajudaram a consolidar seu nome como um dos mais importantes da arte contemporânea.

Yayoi Kusama morreu em agosto desse ano, aos 97 anos, deixando uma produção que atravessa pintura, escultura, instalação, performance, cinema e design. Sua história permanece como um exemplo singular de como uma experiência interior pode se transformar em linguagem artística, de como aquilo que um dia parecia apenas uma visão pode acabar criando um universo inteiro diante dos nossos olhos.

Clique no telefone e seja redirecionado*



@arteeclaraa

O comum através
da arte

John Falter retrata o dia a dia
americano de um jeito inusitado.

Descubra!



A origem de
tudo

Uma escultura na Holanda que
originou mais que uma palavra,
uma crítica.

Descubra!

Qual sua favorita?



@aghistorias

"Se você pudesse dizer em palavras, não haveria necessidade de pintar."
- Edward Hopper

EXPOSIÇÕES IMPERDÍVEIS!



- **DO SOM AO SOL NO MESMO TOM**

Abertura: 10/09 até 30/09

Segunda a sexta das 14h às 18h. Exceto feriados

MBlois Galeria de Arte - Rua Visconde de Pirajá, 111 - Loja E

Entrada franca

- **"Tião: um fotógrafo da Providência"**

Até 29 de novembro

Qui a ter, das 11h às 18h

Museu de Arte do Rio (MAR)

Entrada franca

- **"Festas, sambas e outros carnavais"**

Até março de 2027

Qui a dom, das 10h às 18h

Museu do Pontal

Entrada franca

ARTE É NOTÍCIA

Miró em SP até o final do ano



FOTO: Successió Miró / AUTVIS, Brasil, 2026

Aberta a visitação no último mês, "Miró: mestre das formas" trouxe ao Brasil obras nunca saídas da Espanha. A exibição totalmente dedicada ao espanhol, ocorre no MAB FAAP de Higienópolis/SP, contando com mais de 100 obras originais entre pinturas, gravuras, esculturas e também tapeçarias, fotografias e documentos históricos relacionados ao artista.

Reunindo obras de coleções europeias como as da Fundação Miró Barcelona e da Fundação Pilar e Joan Miró Mallorca, a mostra conta com cinco núcleos temáticos para explorar a carreira de Miró e suas tendências artísticas, do cubismo ao surrealismo.

A primeira apresentação do artista no Brasil foi em 1995, com a mostra "Miró - Caminhos da Expressão", no CCBB no Rio de Janeiro e sua última vez no país foi em uma exposição que reunia obras que destacavam sua proximidade com o americano Alexander Calder, intitulada "Miró-Calder", realizada pelo Instituto Tomie Ohtake em São Paulo, reunindo 112 obras.